

## **ESPEDITO SELEIRO: TRADIÇÃO DO ARTESANATO CEARENSE**

**Liana Cristina Vilar Dodt<sup>1</sup>**

### **Resumo:**

Este artigo propõe pesquisar o trabalho do artesão cearense Espedito Seleiro a partir da relação estética que une tradição e contemporaneidade num mesmo universo. Entender como ele se apropria da estética do cangaço e da cultura vaqueira para transformar pedaços de couro em artigos de desejo na moda do feito-a-mão. Para isso, é necessário refletir sobre o diálogo que o artesão de Nova Olinda estabelece para além do sertão, estendendo um ofício de gerações e agregando novos valores às peças produzidas sem perder a essência criativa. Entre os autores eleitos como referencial teórico, estão Sylvia Porto Alegre, Walter Benjamin, Beatriz Sarlo, Giorgio Agamben, Yuri Lotman, Irene Machado, Frederico Pernambucano de Mello e Gilmar de Carvalho.

**Palavras-chave:** Espedito Seleiro. Artesão. Couro. Memória. Tradição.

### **O artesão e a cidade**

Nova Olinda, extremo sul do Ceará, 543 quilômetros de distância de Fortaleza. Localizada na microrregião do Cariri, a cidade tem pouco mais de 14 mil habitantes, mas está na lista dos 65 destinos indutores do turismo no Brasil. Os motivos são dois: a Fundação Casa Grande e Espedito Seleiro. Juntos, eles formam os pilares de Nova Olinda, pontos de atração que levam o nome da cidadezinha mundo afora.

A Fundação Casa Grande é uma organização não governamental que se tornou exemplo mundial pela formação de crianças e jovens através de programas socioeducativos voltados para a memória, a comunicação, a arte e o turismo. Espedito Seleiro é um artesão cearense, homem simples e discreto que possui uma oficina de artigos em couro: sandálias, bolsas, chapéus, carteiras, além de selas, gibões e outros elementos da cultura vaqueira.

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará – UFC.  
E-mail: [lianadodt@gmail.com](mailto:lianadodt@gmail.com).

No Ceará, artesãos são muitos, seja na arte em couro ou em outras linguagens. Mas a qualidade e a criatividade do trabalho de Espedito Seleiro fizeram dele um destaque que atravessou fronteiras e tomou proporções internacionais. O artesanato que começou em Nova Olinda foi ganhando as passarelas, as exposições e as pessoas. “O artesão é hoje em geral um produtor de objetos que ora são vistos apenas como uma mercadoria, ora ganham status de obra de arte, dependendo das relações que se estabelecem com o mercado”. (PORTO ALEGRE, 1994, p.15)

Nas palavras da autora Sílvia Porto Alegre, é possível perceber que a trajetória de Espedito Seleiro está ligada ao fator econômico que o diferenciou de outros artesãos. Isso não significa que ele seja melhor do que os outros. O interesse deste trabalho não é criar dicotomias, mas entender os processos que tornou público o nome desse artesão cearense e dinamizou a cidade de Nova Olinda.

Aos 73 anos, Espedito Veloso de Carvalho carrega no apelido o ofício de uma vida inteira. Seleiros foram o pai, o avô e o bisavô dele. De geração a geração, foi-se perdurando o trabalho com o couro. Fez da decadência da cultura vaqueira a motivação para outras possibilidades estéticas. Encontrou no mercado da moda uma nova forma de expressão. A necessidade de sobrevivência impulsionou o artesão a usar a criatividade e, nessa história de sandálias e bolsas, Espedito passou a ter o público feminino como principal clientela.

Traços sinuosos, cores variadas e bom acabamento são características típicas de Espedito. Muito detalhista e exigente, ele criou uma linguagem própria, um trabalho que esbanja originalidade e sofisticação. Conseguiu atingir o equilíbrio entre o tradicional e o contemporâneo, alcançando diversos públicos sem perder a essência do processo criativo. As peças de Espedito Seleiro, a exemplo das sandálias de couro, são fortemente inspiradas em Lampião e Maria Bonita, personagens que marcaram a história e a estética do Cangaço. Sobre as roupas dos cangaceiros, explica o autor Frederico Pernambucano de Mello.

A indumentária daqueles homens, neste caso, só seria comparável às dos cavaleiros medievais e dos samurais. Em um ambiente cinzento e árido, usariam roupas coloridas, trabalhadas com esmero, com o objetivo maior de lhes proporcionar uma voz singular, um rosto uma personalidade. (DE MELLO, 2012, p.2).

A marca de Espedito Seleiro está impressa na moda, no cinema e nas galerias de arte. Após ter seu trabalho divulgado no São Paulo Fashion Week (2006), em desfile da marca

**10º Interprogramas de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero**

**<http://www.casperlibero.edu.br> | [interprogramas@casperlibero.edu.br](mailto:interprogramas@casperlibero.edu.br)**

Cavalera, as encomendas cresceram e transformaram para sempre a vida do artesão novaolindense. As peças dele foram usadas nos filmes *O homem que desafiou o diabo* (2007) e *Gonzaga – De pai para filho* (2012). Os traços de Espedito ganharam tradução até em vestidos de noiva, como os produzidos pela loja cearense Miss Mano. As sandálias e as bolsas viraram peças de arte na exposição *Espedito Seleiro: da sela à passarela* (2012/2013), montada em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Atendendo a algumas necessidades urbanas, Espedito passou a fazer capa para notebook, tablet e celular. Mas apesar de ser uma pessoa aberta a essas demandas recentes, ele garante que nunca deixou de produzir a peça mais tradicional de seu ateliê. A sela, produto de quem rendeu o apelido, é vendida por Espedito como artigo de decoração, já que hoje a maioria dos vaqueiros deixaram de lado cavalo e gibão e passaram a usar moto e calça jeans.

Tudo o que aprendeu, Espedito ensinou aos filhos, netos e funcionários da loja. Para ele, não adiante ser bom no que faz, é preciso passar essa sabedoria adiante. A expectativa do artesão é de criar, em breve, uma oficina-escola para deixar seu legado às novas gerações. O outro desejo que tinha, ele já concretizou: abrir um Museu em Nova Olinda para eternizar a história da “Família Seleiro” e da cultura do couro.

Hoje Espedito Seleiro é mestre da cultura, reconhecido oficialmente pelo Governo do Estado do Ceará e pelo Ministério da Cultura. Suas peças são vendidas em outros estados e exportadas para outros países. Mas, ao mesmo tempo em que ele abre espaço para o mercado, também impõe limites. “Já teve algumas lojas que pediram mil bolsas em trinta dias. Eu digo: ‘Não, minha filha, aqui a gente trabalha com as mãos, não é com o computador não’” (Espedito Seleiro em entrevista para a Revista Entrevista nº 26, produto do Laboratório de Jornalismo Impresso da UFC - 2011).

## **Tradição cearense**

Das resistências do tempo, surge o artesanato popular. Preservando um saber que não se estuda em livros, o artesão é uma figura que desenvolve aquilo que, comumente, aprendeu brincando, dentro de casa, vendo o ofício do pai, do avô, do bisavô. Memórias afetivas viram fontes de inspiração e se fazem presentes no seu trabalho. Processo criativo

capaz de dar vida a objetos de consumo, tão valorizados por um mercado onde o “feito-a-mão” ganha ares requinte.

Criação e tradição caminham lado a lado. A aura que cerca uma obra de arte é a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja. Uma evocação do gênio criador no contexto da memória coletiva. Daí o fascínio por objetos fabricados pelo artista popular, vistos como remanescentes de um passado em vias de extinção. (PORTO ALEGRE, 1994)

Como afirma a autora, o cotidiano do artesão está constantemente ligado ao passado, fazendo referência a tradições familiares e núcleos artesanais. Remete a hábitos antigos que não se sabe bem quando surgiram, mas que se confundem com instinto de sobrevivência. O sustento depende da arte produzida e posta à venda. O artesanato popular carrega traços da tradição em sintonia com os interesses da contemporaneidade. É a tradução da tradição, descrita por Iuri Lotman em seus estudos sobre a Semiótica da Cultura.

Muitas vezes, o ambiente de trabalho do artista popular é uma mistura entre casa, loja e oficina. Relação que faz lembrar as corporações de ofício medievais, com a presença do mestre e seus aprendizes. Na cultura do artesanato, a hierarquia familiar é tida como algo natural e respeitado, na qual a figura paterna, muitas vezes, se confunde com o mestre, enquanto filhos e netos seguem as técnicas da arte produzida em casa.

Esse ofício de gerações, ao mesmo tempo em que preserva certos valores tradicionais, pode ganhar novos padrões estéticos e técnicos à medida que o tempo passa. A tradição não está isenta de transformações, pois está inserida no presente. Ela é a permanência da memória coletiva numa relação que se adapta às novas necessidades cotidianas. Numa tensão entre continuidade e mudança, própria da dinâmica das culturas, surgem as novas formas de criação e de sobrevivência.

A vida de Espedito Seleiro virou fonte de renda. A oficina dele se destaca entre os pontos turísticos de Nova Olinda, com placas nas ruas para a sinalização. Comprar um artigo em couro é sinônimo de “prosear” com o mestre artesão. Sabe-se lá quantas vezes por dia Espedito fala aos visitantes sobre suas memórias e episódios do passado. Todos querem saber como ele conquistou espaço e se tornou conhecido no mundo inteiro sem sair de casa.

Além de artesão, Espedito ganhou mais um ofício ao longo dos anos: contador de histórias. Ele narra fatos da própria vida à medida que eles chegam à mente ou que as pessoas

vão perguntando. Seguindo um fluxo narrativo bastante pessoal, ele respeita os tempos da memória afetiva. Ele narra o passado a partir de episódios do presente. Os tempos se entrelaçam nas próprias peças em couro, onde elementos tradicionais e contemporâneos se encontram. “Lembra-se, narra-se ou se remete ao passado por um tipo de relato, de personagens, de relações entre suas ações voluntárias e involuntárias, abertas e secretas, definidas por objetivos ou inconscientes”. (SARLO, 2007).

No processo criativo de Espedito, a tradição é a base de tudo. Isso não quer dizer que a arte dele esteja fadada ao passado. Ele consegue se diferenciar de tantos outros artesãos que produzem peças em couro inspirados na cultura nordestina. O que destaca Espedito Seleiro é a sua capacidade de incluir o novo, o contemporâneo. Embora esteja intimamente influenciado pela tradição, ele cria aberturas para o presente.

Quando o mercado da cultura vaqueira já não conseguia mais se sustentar, Espedito teve que aprender a fazer outras peças em couro. Das selas e gibões, passou a produzir sandálias, bolsas, artigos da moda. A inspiração veio de um molde de sandália feita pelo pai, guardado por muitos anos, uma encomenda para o cangaceiro Lampião. Dali em diante, a sandália de Lampião e, posteriormente, a sandália de Maria Bonita, seriam marcas de Espedito Seleiro.

O modelo Lampião consiste na utilização de recortes, aplicações, e costuras coloridas, que estilizam a estética do cangaço, e trouxe, a reboque, o modelo Maria Bonita, para o público feminino aderir à nova tendência. O couro é cortado a faca, e aí se acentua sua perícia, e costurado com “suvela”, depois de furado à mão, com muita paciência. As peças podem ser parecidas, mas nunca iguais, ele diz que sempre dá um jeito de fazer diferente (CARVALHO, 2005, p.57).

Para garantir a originalidade, o artesão passou a marcar as peças a ferro e fogo, semelhante à marcação do gado. Assim, os clientes de Espedito Seleiro saberiam diferenciar as peças encontradas nas cidades por onde as peças dele são revendidas. Ele acabou criando uma aura em torno de sua arte. Agregou valores de autenticidade e exclusividade às peças. Nas palavras de Walter Benjamin, “a autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico” (BENJAMIN, 1994).

A reprodutibilidade das peças, característica própria do artesanato, não impede a autenticidade delas, já que Espedito busca sempre mudar algum detalhe na forma, nas cores ou nos materiais utilizados. Assim, as pessoas saem da loja do artista satisfeitos por adquirirem um produto exclusivo. Vestir Espedito Seleiro é levar de lembrança a história de um homem comum do sertão, que lutou para sustentar a família através da própria arte.

Espedito conhece a qualidade do trabalho que faz e cobra preços relativamente altos por isso. Ele sabe que hoje é um artesão de destaque, bastante requisitado no universo da moda e em algumas produções cinematográficas. Por mais que ele não tenha uma total consciência da contemporaneidade de sua arte, ele consegue se apropriar de aspectos contemporâneos sem deixar de lado as essências tradicionais.

Com o tempo, novas cores foram sendo incluídas na produção, como o dourado, o rosa e o lilás. As peças de couro já não ficam limitadas aos tons de marrom e bege, cores típicas da cultura vaqueira. A ornamentação e o colorido das bolsas, carteiras e sandálias se aproximam muito mais da estética do Cangaço. Nas peças de Espedito, é fácil perceber as flores de quatro pontas e os arabescos que eram encontrados nas roupas, nos chapéus e nos bornais dos cangaceiros.

Espedito não se fecha para as demandas do mercado e, por isso mesmo, vai descobrindo novas formas de fazer arte. Na perspectiva de Agamben, ser contemporâneo significa ter uma relação singular com o próprio tempo. É aderir a ele e dele tomar distâncias “através de uma dissociação e de um anacronismo”. Espedito consegue manter a essência de seu tempo, de suas tradições, sem virar as costas para mudanças do presente, das ideias contemporâneas. É dessa sabedoria artística, dessa mistura de tempos, que se faz o diferencial de Espedito Seleiro, entre tantos artesãos nordestinos.

Pertence verdadeiramente ao seu tempo, é verdadeiramente contemporâneo, aquele que não coincide perfeitamente com este, nem está adequado às suas pretensões e é, portanto, nesse sentido, inatual; mas, exatamente por isso, exatamente através desse deslocamento e desse anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros, de perceber e apreender o seu tempo. (AGAMBEN, 1994).

Além da qualidade do artesanato, Espedito é valorizado como testemunha viva de um tempo passado. Ele está frequentemente resgatando fios da memória e as pessoas confiam nas palavras dele. “A confiança no imediatismo da voz e do corpo favorece o testemunho”

(SARLO, 2007). É o poder da narração, da oralidade, da experiência. É o reconhecimento de uma verdade e de uma fidelidade ao ocorrido.

Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer, mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar. (SARLO, 2007)

Hoje Espedito Seleiro é um ícone do design. Permite-se aprender com as necessidades contemporâneas e acompanha as novas realidades. O traço dele pode ser estampado em diversas superfícies, selas, gibões, bolsas, carteiras e sandálias. Os “arabescos em couro” também estão em móveis e artigos para casa. Cadeiras e mesas recebem a marca do artesão e viram destaque em revistas de decoração. Além disso, o artesão é um homem conectado com seu tempo, possui blog, e-mail e até perfil no *Facebook*.

O reconhecimento do trabalho de Espedito Seleiro contribui sensivelmente para a economia de Nova Olinda. Quem chega à cidadezinha logo encontra placas que apontam o caminho para se chegar à oficina do mestre artesão. Aliás, Espedito fez do lugar oficina, loja e casa ao mesmo tempo. E ele nunca precisou sair de casa para conhecer o mundo. No livro de visitas que ele mantém na entrada da loja, estão assinaturas de pessoas de vários estados e países, pessoas que se motivaram a viajar longas distâncias para conhecer de perto o artesão cearense.

Espedito Seleiro é mestre da cultura, reconhecido pelo Governo do Estado do Ceará e pelo Ministério da Cultura. Ele sabe que nem todos os artesãos, por mais talento e experiência que tenham, conseguem chegar aonde ele chegou. Pode-se supor que Espedito teve talento, experiência e um pouco de sorte. Como define Porto Alegre (1994), “o acaso e a interferência externa, de pessoas e instituições, podem desempenhar papel decisivo para o artista”. Após encomenda de uma sandália por Aemberg Quindins, da Fundação Casa Grande, o artesão foi descoberto mundo afora. “A partir daí, o modelo correu o mundo, e o trabalho de Espedito ganhou nova dimensão. O mercado estava aberto para ele” (CARVALHO, 2005).

## Considerações finais

Em tempos de novas tecnologias, o feito-a-mão ganhou ares de sofisticado e “cult”. É a resistência da tradição pendurada na parede da sala ou na bolsa a tiracolo. Mais do que uma experiência estética, comprar um artesanato significa expor retalhos de memória e explicar aos outros de onde veio aquele objeto. É um processo de trazer o sertão para dentro das grandes cidades. Nesse movimento de valorização da memória das tradições, o mercado da moda encontra outras formas de expressão.

Espedito alcançou e conseguiu se fixar nesse mercado. Ele é essencialmente um comunicador, um narrador da memória afetiva. Apesar de ser um homem discreto, ele tem desenvoltura para lidar com a imprensa, com os pesquisadores e com os turistas. O principal compromisso de Espedito é com a tradição. “Eu tenho de zelar mais a minha profissão, que é pra quando eu viajar pra outro lugar, ter outros pra ficarem no meu lugar.” (Espedito Seleiro em entrevista para a Revista Entrevista nº 26, produto do Laboratório de Jornalismo Impresso da UFC - 2011).

A arte não se produz no vazio. Nenhum artista é independente de predecessores e modelos. A ocupação com o passado é também um ocupar-se com o presente. O passado não é apenas lembrança, mas sobrevivência como realidade inscrita no presente. As realizações artísticas dos antepassados traçam os caminhos da arte de hoje e seus descaminhos (PLAZA, 1987, p.2).

Ensinar e dar visibilidade à arte em couro é, para ele, uma forma de continuar vivo entre as pessoas. Mas a influência do passado não significa a produção de um trabalho “engessado” pelo tempo. Contra isso, as culturas contam com a influência do presente e suas possibilidades de interação. A graça do trabalho dele é pegar aquilo que já vinha sendo feito por outras gerações e recriar as peças, dar uma nova cara, um olhar mais pessoal e atualizado. “Espedito é um vigoroso intérprete da transformação de um material nobre, como o couro, em objeto de desejo, nestes tempos de valorização do feito à mão” (CARVALHO, 2005).

Espedito sabe que as demandas do mercado não permitem que ele faça apenas artigos para vaqueiro. A sela ainda é a peça que lhe dá mais prazer em produzir, mas ele sabe que não vende tão bem quanto as bolsas, carteiras e sandálias. Nesse sentido, Espedito cede espaço para o que está na moda, mas sempre preservando sua essência criativa. Essa

manutenção de uma identidade popular, aliada à abertura para o novo, é o que torna Espedito Seleiro um artista em destaque. Futuras pesquisas podem levantar hipóteses mais detalhadas sobre as influências que formaram o artesão. Perceber seus traços e identificar nas peças em couro a tradição da cultura vaqueira ou ainda as reminiscências da estética do cangaço.

## **Referências**

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo, Brasiliense, 1985.

CARVALHO, Gilmar de. **Artes da Tradição**. Mestres do Povo. Fortaleza, Expressão Gráfica, 2005.

DE MELLO, Frederico Pernambucano. **Estrelas de Couro**. A Estética do Cangaço. São Paulo, Escrituras, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos Vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

PLAZA, Julio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo, Perspectiva, 1987.

PORTO ALEGRE, Sylvia. **Mãos de Mestre**: Itinerários da Arte e da Tradição. São Paulo: Maltese, 1994.

SARLO, Beatriz. **Tempo Passado**: Cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: Educ, 1981.

Revista Entrevista nº26 – Laboratório de Jornalismo Impresso da UFC - 2011

# 10º interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

## Anexos



**Vestido de noiva (Miss Mano)**



**Blogs de Moda**

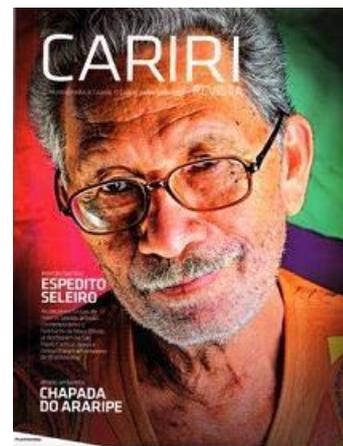


**Desfile São Paulo Fashion Week 2006 (Cavalera)**

# 10º interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO



**Processo criativo**



**Espedito na Imprensa**



**Exposição em São Paulo**